Letramento literário e empoderamento: o trabalho com a Literatura Negro-Brasileira de Conceição Evaristo no Ensino Médio

Literary literacy and empowerment: Working with Afro-Brazilian Literature by Conceição Evaristo in High School

Educación literária y empoderamiento: el trabajo con la Literatura Negro-brasileña de Conceição Evaristo en la Educación Secundaria

Rayron Lennon Costa Sousa
https://orcid.org/0000-0002-7052-0031
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Giovana Cavalcante Lopes
https://orcid.org/0009-0008-1175-5317
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Resumo

Nesta pesquisa analisararemos as contribuições do letramento literário para o empoderamento de alunas do Ensino Médio, com ênfase em estudantes negras, a partir das potencialidades da literatura negro-brasileira de Conceição Evaristo. Assim, partimos da seguinte problemática: De que modo a leitura de contos de Insubmissas lágrimas de mulheres (2020), de Conceição Evaristo, no contexto do letramento literário, favorece o protagonismo e o empoderamento de alunas negras no Ensino Médio? Como corpus, selecionamos três contos da obra Insubmissas lágrimas de mulheres: Aramides Florença e Shirley Paixão cuja abordagem orienta-se pela perspectiva da fruição literária. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa é básica, precedida de revisão bibliográfica, caracterizada como análise-crítica qualitativa, buscando investigar de que modo a literatura pode atuar como instrumento de reflexão social, ao conferir visibilidade às narrativas de mulheres historicamente silenciadas e favorecer seu protagonismo. Para tanto, recorremos às discussões de Cosson (2006, 2014), Sousa (2023), Evaristo (2011), Berth (2018) entre outros que discutem letramento literário, literatura negro-brasileira e empoderamento feminino. Portanto, os resultados evidenciaram que a literatura Conceição Evaristo é produtiva e significativa para o fortalecimento do protagonismo das alunas, ao mesmo tempo que pode promover a (re)construção de uma consciência crítica e ampliar as possibilidades de transformação social no contexto escolar a partir da experiência de fruição literária.

Palavras-chave: letramento literário, empoderamento, literatura negro-brasileira.

Abstract

In this study, we analyze the contributions of literary literacy to the empowerment of high school female students, with an emphasis on Black students, based on the potential of Afro-Brazilian literature by Conceição Evaristo. Thus, we start from the following research question: How does the reading of short stories from Insubmissas lágrimas de mulheres (2020), within the context of literary literacy, foster protagonism and empowerment among Black female high school students? As our corpus, we selected three short stories from *Insubmissas lágrimas de mulheres:* "Aramides Florença" and "Shirley Paixão," whose approach is guided by the perspective of literary appreciation. From a methodological standpoint, the research is basic, preceded by a bibliographic review, and characterized as a qualitative critical analysis, aiming to investigate how literature can act as a tool for social reflection by giving visibility to the narratives of historically silenced women and fostering their protagonism. To this end, we draw on discussions by Rildo Cosson (2006, 2014), Sousa (2023), Conceição Evaristo (2011), Djamila Ribeiro Berth (2018), among others who address literary

literacy, Afro-Brazilian literature, and female empowerment. Therefore, the results show that the literature of Conceição Evaristo is productive and meaningful for strengthening students' protagonist, while also promoting the (re)construction of critical consciousness and expanding possibilities for social transformation within the school context through the experience of literary appreciation.

Keywords: literary literacy, empowerment, afro-brazilian literature

Resumen

En esta investigación analizamos las contribuciones de la alfabetización literaria al empoderamiento de alumnas de la educación secundaria, con énfasis en estudiantes negras, a partir de las potencialidades de la literatura afrobrasileña de Conceição Evaristo. Así, partimos de la siguiente problemática: ¿De qué modo la lectura de cuentos de Insumisas lágrimas de mujeres (2020), de Conceição Evaristo, en el contexto de la alfabetización literaria, favorece el protagonismo y el empoderamiento de alumnas negras en la educación secundaria? Como corpus, seleccionamos tres cuentos de la obra Insumisas lágrimas de mujeres: "Aramides Florença" y "Shirley Paixão", cuyo enfoque se orienta por la perspectiva del disfrute literario. Desde el punto de vista metodológico, la investigación es básica, precedida de una revisión bibliográfica, caracterizada como un análisis crítico cualitativo, que busca investigar de qué modo la literatura puede actuar como instrumento de reflexión social, al conferir visibilidad a las narrativas de mujeres históricamente silenciadas y favorecer su protagonismo. Para ello, recurrimos a las discusiones de Rildo Cosson (2006, 2014), Sousa (2023), Conceição Evaristo (2011), Joice Berth (2018), entre otros que abordan la alfabetización literaria, la literatura afrobrasileña y el empoderamiento femenino.Por lo tanto, los resultados evidenciaron que la literatura de Conceição Evaristo es productiva y significativa para el fortalecimiento del protagonismo de las alumnas, al mismo tiempo que puede promover la (re)construcción de una conciencia crítica y ampliar las posibilidades de transformación social en el contexto escolar a partir de la experiencia de disfrute literario.

Palabras clave: alfabetización literaria, empoderamiento, literatura afrobrasileña.

Introdução

A literatura se constitui, contemporaneamente, como um campo amplo e diversificado de produção e tematização identitária e cultural, sendo um campo propício para se pensar e tensionar as mais diversas interpretações e experiências a partir da experiência de fruição literária. Nesse sentido, é por meio da leitura literária, que leitores de diferentes faixas etárias podem questionar diferentes perspectivas de representação, tanto de clássicos quanto de obras mais atuais, o que envolve questões concernentes à distopia, realidade, subjetividade e ideologias, articuladas e situadas em diversos contextos históricos, sociais e culturais, como é o caso das literaturas negras ou de outras representações minoritárias.

Assim, cabe enfatizar o poder de humanização da literatura, conforme pontua Antonio Candido (2006), ao se considerar a literatura como um espaço propício para a presentificação de representações positivadas, para a produção de sentidos e para múltiplas abordagens, tanto do ponto de vista da leitura literária quanto de análise crítica. No bojo das tensões entre formação leitora, experiência de fruição literária e produção negro-

brasileira de autoria feminina, o problema desta pesquisa se concentra em como essa literatura, via letramento literário, pode contribuir para o empoderamento de mulheres negras frequentes no ensino médio? As questões atinentes a essa dimensão possibilitarão investigar as potencialidades da literatura negro-brasileira de autoria feminina e a construção do empoderamento a partir da experiência de fruição literária.

No tocante às possibilidades da leitura do texto literário, destacam-se as potencialidades do trabalho com a literatura negro-brasileira, especificamente a escrita por mulheres negras, como um acervo diverso e um campo de investigação epistemologicamente produtivo cujo objetivo vai para além da valorização de vozes historicamente marginalizadas, alinhando teoria, texto literário, leitura e análise crítica, quando se pensa no adensamento crítico realizado no âmbito do espaço acadêmico. Assim, no interior desse campo em consolidação, a literatura negro-brasileira de autoria feminina assume, via de regra, um papel de extrema relevância, uma vez que evidencia e entrecruzam experiências e vivências a partir de perspectivas de mulheres negras que, por séculos, foram silenciadas e quando publicaram, como é o caso de Maria Firmina dos Reis, além de pedirem desculpas pela ousadia da escrita, tiveram seus escritos esquecidos, sendo retomados, hoje, por meio de um trabalho de revisitação e pesquisas.

A partir dessa perspectiva, entre as diversas possibilidades de leitura do texto literário, destacam-se as potencialidades do trabalho com a literatura negro-brasileira, especialmente aquela produzida por mulheres negras, compreendida, neste delineamento, como um acervo diverso e um campo de investigação epistemologicamente produtivo. Tal abordagem ultrapassa a simples valorização de vozes historicamente marginalizadas, ao articular teoria, texto literário, leitura e análise crítica, sobretudo quando se considera o aprofundamento reflexivo promovido no âmbito do espaço acadêmico. Assim, a literatura negro-brasileira de autoria feminina assume, de modo singular, um papel de grande importância para a representação negra, já que evidencia e entrecruza experiências e vivências a partir de uma intersecção entre raça, classe e gênero, alinhado ao fato de serem essas autorias racializadas, rompendo com um histórico que, por séculos, as silenciou.

Mulheres negras, mesmo quando conseguiram publicar, como ocorreu com Maria Firmina dos Reis, precisaram justificar e pedir desculpas pela ousadia da escrita em um cenário exclusivamente composto por homens brancos. É importante situar que, mesmo tendo publicado e rompido com a tradição de silenciamento, suas produções foram relegadas ao esquecimento, como é percebido com o romance *Úrsula*, publicado em 1859,

e com Carolina Maria de Jesus, quando da publicação de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, em 1960, o que demonstra ser uma ferramenta operante e que atravessa gerações.

Nessa direção, cabe salientar que tais obras vêm sendo recuperadas por meio de processos de pesquisa e revisitação crítica, paralelamente ao espaço cravado na esfera acadêmica cujo intuito é de refundar a historiografia literária e as versões não-oficiais da história. Historicamente, as populações minoritárias, dentre elas, a negra, enfrentaram diversas limitações quanto à sua inserção e reconhecimento na esfera social e política. No tocante à produção literária e, quando se trata de mulheres negras, essa invisibilidade torna-se ainda mais acentuada em razão das intersecções entre raça, classe social e gênero, adensando um movimento que busca interditar e anulá-las em todas as esferas, colocando-as numa categoria de não-humanidade. Entretanto, nas últimas décadas, a literatura negro-brasileira tem conquistado maior visibilidade, conforme discute Cuti em *Literatura negro-brasileira* (2010), ao ampliar suas temáticas e conquistar um público maior, ao mesmo tempo em que fortalece as representações e contribui para um letramento literário e racial, consequentemente. Tal fato se deu, também, pela incursão e autorias negras nas grandes editoras que movimentam e respondem pelo mercado editorial, em diálogo com a legislação brasileira, especialmente as leis federais nº 10.639/2003 e 11.645/2008.

Na cena literária negro-brasileira, Conceição Evaristo surge como uma voz dissonante, desde os Cadernos Negros às produções interartes contemporâneas, fazendo da literatura um espaço simbólico de produção, reprodução e resistência ao tematizar as dinâmicas dos povos negros e ao colocá-los como protagonistas, especificamente as mulheres, cunhando, inclusive, categorias teóricas capazes de transcrever e analisar tais produções, como é o caso da "Escrevivência".

A leitura de obras literárias produzidas por mulheres negras torna-se essencial para compreender as experiências históricas, sociais e culturais que atravessam essas produções e corroboram para um letramento literário destinado, especialmente, às pessoas negras e, neste delineamento, às alunas frequentes no Ensino Médio. Ademais, é importante enfatizar que tal contato contribui para problematizar processos de invisibilização que, por muito tempo, relegaram a literatura negro-brasileira de autoria feminina a uma posição marginal em relação ao cânone literário tradicional, frequentemente reproduzido na educação básica a partir dos materiais didáticos, o que, como já dito, mudou consideravelmente nas últimas décadas. Dessa forma, ampliar o acesso e a discussão acerca dessas produções literárias possibilita tanto o reconhecimento da diversidade cultural presentificada na literatura

quanto o acesso e à valorização de narrativas que abordam as experiências e as lutas das mulheres negras a partir de suas escrevivências.

A metodologia é básica, precedida de revisão bibliográfica, caracterizada como análise-crítica, de natureza qualitativa, tendo como corpus a coletânea Insubmissas lágrimas de mulheres, publicada em 2011, de Conceição Evaristo, analisada a partir da ótica das categorias Literatura Negro-brasileira, Autoria Feminina, Letramento Literário e Empoderamento. Para tanto, recorremos às discussões de Cuti (2010), Miranda (1989), Sousa (2023), Cosson (2006, 2014), Berth (2018), entre outros(as).

Portanto, a análise dos contos *Aramides Florença* e *Shirley Paixão* tiveram como eixo central a experiência de mulheres negras que enfrentam diferentes formas de violência e opressão, especialmente relacionadas às relações de gênero. Nessas narrativas, Evaristo ficcionaliza situações de violência doméstica, abuso e silenciamento, revelando como tais experiências marcam profundamente a trajetória das personagens; ao mesmo tempo, as histórias não se limitam à exposição do sofrimento, elas enfatizam os processos de resistência, sobrevivência e reconstrução subjetiva das protagonistas, permitindo evidenciar como a literatura pode atuar como espaço de denúncia e presentificação das experiências históricas e sociais das mulheres negras, que contribuem para a formação de leitores críticos alinhada à consolidação de práticas pedagógicas comprometidas com a humanização, através da leitura literária, sendo uma possibilidade no enfrentamento ao racismo, ao sexismo e às desigualdades sociais.

1. Letramento Literário, Interseccionalidade e Empoderamento Feminino

As relações entre literatura e outras esferas sociais constituem-se, neste escopo, como um espaço privilegiado de formação cultural e identitária, dialogando diretamente com as perspectivas formativas a partir da leitura literária e suas implicações na esfera social. Nessa direção, o texto literário oferece aos leitores um leque de temáticas e o contato com múltiplas experiências estéticas e históricas, incutindo nessas experiências possibilidades capazes de transformar a percepção individual e coletiva. Assim, o encontro com o texto literário potencializa dimensões da língua(gem), da sensibilidade e da consciência crítica, ao mesmo tempo em que intensifica deslocamentos de sentido que ultrapassam a experiência de fruição. A experiência literária, então, torna-se um

instrumento de formação subjetiva e histórica ao passo que refunda as percepções sobre o que foi considerado, secularmente, como única narrativa ou produções literárias, dentre elas, a ditas clássicas e canônicas, questão amplamente discutida e tensionada pelas perspectivas de ensino de literatura.

No que concerne às experiências de leitura literária, Rildo Cosson (2006) discorre que: "É no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos" (Cosson, 2006, p. 16). Para esse autor, a literatura atua como prática de emancipação e crítica social, questão que dialoga diretamente com a produção literária negro-brasileira cujo viés, via de regra, é emancipatório e altamente crítico. A literatura, nesse escopo, ultrapassa as fronteiras da escola e torna-se uma prática ativa, em que o sujeito, ao ler, interpretar, significar e ressignificar, se utiliza dessas materialidades para se situar e passar a questionar as versões oficiais ou o que se estabeleceu como narrativa única, conforme tenciona Chimamanda Adichie em *O perigo da história única* (2019).

É sabido que o letramento literário amplia a compreensão da significação para além da decodificação textual, configurando-se como um processo de apropriação da literatura enquanto construção de sentidos. Graça Paulino e Rildo Cosson (2009, p. 67) acrescentam que ele (o letramento literário) atua como "[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária dos sentidos [...]", o que implica afirmar que se trata de uma participação ativa quando da integração com as práticas sociais de leitura em suas dimensões linguística, estética, cultural e social. A partir do que discute Magda Soares, "Letramento é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita." (Soares, 2009, p. 36), alinhamos as perspectivas do letramento literário como prática e ação social, pois é indissociável a dimensão crítica da experiência de fruição quando da leitura de obras que tematizam ou inserem protagonismos minoritários, como é o caso da literatura negra. Teresa Colomer, acerca da formação do leitor literário, afirma que a criticidade é resultado do contato com formas complexas, ratificando este delineamento: "Ler literatura é aprender a interpretar o mundo por meio de formas simbólicas complexas." (Colomer, 2007, p. 54).

No trabalho com a literatura no ensino médio, a abertura para discussões mais complexas e socialmente situadas torna-se essencial para o letramento literário, especialmente em diálogo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017).

A BNCC propõe um ensino interdisciplinar de Língua Portuguesa que rompa com as fronteiras e abordagens tradicionais, colocando o aluno como protagonista do processo e trazendo para o centro das discussões temas sensíveis e fracturantes, a exemplo do racismo, do sexismo etc. Nesse bojo, espera-se que o texto literário passe de uma abordagem superficial uma função formativa, possibilitando reflexões sobre identidade, diversidade cultural, relações de poder e desigualdades sociais, questões que se fortalecem com as contribuições de Colomer sobre a educação literária: "A educação literária deve ajudar o leitor a construir o sentido das obras e a compreender o funcionamento da linguagem literária." (Colomer, 2007, p. 31)

Ao incentivar o protagonismo de alunos e alunas nas mais diversas áreas de conhecimento, a BNCC reforça a necessidade de um ensino de literatura e, consequentemente, de um letramento literário que seja resultado de um diálogo entre obra, autor, leitor e contexto, pois ao se ampliar repertórios culturais se possibilita a construção de competências interpretativas, argumentativas e sensíveis essenciais para a constituição de um leitor crítico. Ademais, o ensino de literatura no ensino médio configura-se como espaço privilegiado para um letramento literário crítico e racializado, no qual a experiência estética se articula à consciência crítica e à humanização, pois "A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante."(Candido, 1995, p. 249)

As abordagens que envolvem as dimensões do texto literário e suas relações com o ensino de literatura se articulam às discussões interseccionais de raça, classe e gênero, no intuito de se compreender as múltiplas camadas de exclusão que incidem sobre negros e negras. Historicamente, o corpo negro foi acometido por diversas formas de opressão, o que se entende como uma intersecção. Para a jurista norte-americana Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177), que cunhou esse termo/categoria, "A interseccionalidade é uma lente por meio da qual se pode ver onde o poder colide e se entrelaça. Ela expõe como sistemas de discriminação criam desigualdades básicas que estruturam as posições sociais."

A interseccionalidade é tanto uma lente quanto um modo de pensar as opressões sociais que recaem sobre os corpos minoritários, revelando a complexidade das relações de poder que estruturam e definem a vida social. Ademais, é uma lente analítica por onde se realiza uma leitura da realidade que permite enxergar o que análises isoladas não dão conta. Assim, questões concernentes à raça, classe, gênero, sexualidade e outras categorias sociais não atuam de forma independente, pois seus efeitos se cruzam, se sobrepõem e

produzem experiências específicas de privilégio ou marginalização, como é o caso de mulheres negras que estão em situação de vulnerabilidade social ou são empregadas domésticas, por exemplo.

Carla Akotirene em *Interseccionalidade* (2019, p. 41) acrescenta que "Não existe hierarquia de opressões; elas se cruzam e se potencializam nas experiências de sujeitos subalternizados, dimensões corporificadas nas produções literárias negras quando da tematização das opressões e do abandono no qual corpo negros são depositados. Na poética de Conceição Evaristo, desde *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2006), *Olhos d'Água*, *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) entre outras, temáticas como diáspora negra, memória, apagamento social, violência urbana ecoam como denúncia em narrativas que se traduzem como um retrato social de um Brasil negro.

As tensões sociais e contemporâneas, tematizadas pelas autorias negras, levadas para dentro da sala de aula, potencializam as representações e o trabalho interdisciplinar no ensino de literatura, alinhada a uma dimensão de autoidentificação, potencialmente se os leitores forem negros e negras. Tal processo contribui para o empoderamento via positivação das representações. Joice Berth em *Empoderamento* acrescenta que, "Empoderar não é inverter hierarquias, mas questionar as estruturas que produzem desigualdades." (2019, p. 41). Para essa autora, em diálogo com Patrícia Hill Collins, o empoderamento é resultado de em processo de conhecimento e de agenciamento crítico, pois uma vez ativada a dimensão crítica, o sujeito passa a ser agente de mudanças, conforme postula Maldonado-Torres (2019).

Se bell hooks (2013, p. 12) afirma que é através da educação que se empodera – a educação como prática de liberdade, consideramos ser a literatura uma das áreas mais produtivas para essa realização, uma vez que alinhada à escolarização, tem-se a possibilidade de potencializar um coletivo de alunos a serem agentes questionadores e a se libertarem de narrativas oficiais únicas, assim como de ideias cristalizadas sobre o negro e suas dinâmicas históricas, sociais e políticas. Assim, quando se centraliza as experiências, representadas via literatura, o empoderamento se materializa através da experiência estética, política e pedagógica ao reposicionar mulheres negras, desde às margens ou periferias, como sujeitas de fala, memória e fabulação, como é o reposicionamento de Carolina Maria de Jesus na cena literária contemporânea da segunda metade do século XX.

Ao ocuparem o espaço da escrita, historicamente negado, essas autorias rompem silenciamentos, constroem novas representações e disseminam uma diversidade de

narrativas que são capazes de contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária, a partir de suas intelectualidades e incursões estéticas, fazendo de seus lugares de fala uma dimensão de extrema importância na produção de novos saberes, agora, não a partir do centro, mas das periferias, fazendo dos barracos, da favela e dos desvios citadinos, literatura.

No tocante à educação para as relações étnico-raciais, é importante mencionar que a Lei 10.639/03 e 11.645/08 enfatizam o espaço literário como um lugar para se incluir as discussões sobre Africanos, Afro-brasileiros e Indígenas, o que já vem sendo feito desde muito antes dessa legislação, conforme se observa nos próprios *Cadernos Negros*. Entretanto, o adensamento contemporâneo dessas pautas mobiliza outras frentes institucionais, especialmente no campo das políticas públicas educacionais, como é a situação do mercado editorial, que passou a reconhecer a relevância social e pedagógica dessas produções, ao mesmo tempo em que programas governamentais, como o Programa Nacional do Livro e do Material Didático — PNLD Didático, assim como PNLD Literário, incluíram critérios que exigem a presença de obras alinhadas à diversidade étnico-racial e à educação antirracista.

O PNLD Didático e o Literário ampliam o acesso de estudantes a narrativas que problematizam desigualdades históricas e promovem representatividade, tensionando o cânone literário tradicional e democratizando repertórios culturais. Nesse contexto, conforme discute Nilma Gomes (2017, p. 39), "a educação das relações étnico-raciais exige reconhecer o racismo como estruturante da sociedade brasileira." Para a autora, tal afirmação desloca a discussão do campo meramente celebratório da diversidade para uma abordagem crítica das estruturas de poder que sustentam exclusões históricas.

Portanto, o trabalho com a literatura, nesse horizonte de expectativas, implica compreender que a escola de ensino médio, considerando este delineamento investigativo, deve propiciar um trabalho obras e sentidos que transcrevem as experiências sociais minoritárias, ao passo que contribuirá para a formação de sujeitos, via letramento literário racial, capazes de identificar, questionar e transformar o cotidiano, além de terem a capacidade de ampliar as possibilidades de empoderamento, pois "Formar para a diversidade é formar para a justiça social." (Gomes, 2017, p. 52).

2. A Construção do Empoderamento a partir da leitura crítica dos contos *Aramides Florença* & *Shirley Paixão*

A análise literária se constitui a partir de dois contos da coletânea Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo, que serão lidos a partir da ótica do empoderamento feminino e racial. A apresentação da leitura crítica das personagens Aramides Florença e Shirley Paixão funciona como um exercício de alteridade e de resistência ao refletirmos a ambientação e a tematização dessas personagens, bem como o fluxo narrativo no qual estão imersas. Assim, ao se considerar suas narrativas, bem como o processo de constituição de suas subjetividades, a literatura se torna uma ferramenta capaz de demonstrar ao leitor diversas violências, entre elas, as de gênero e raça, ampliadas a partir do recorte social, possibilitando a constituição de um olhar de reconhecimento da potência de vozes historicamente silenciadas.

2.1 *Aramides Florença*

A análise se inicia com o conto *Aramides Florença*, que é apresentado em um contexto inicial de muito amor e felicidade ao apresentar o filho: “Esta é minha criança, - me disse a mãe, antes de qualquer outra palavra -, o meu bem-amado. O nome dele é Emildes Florença” (2020, p. 10). Aramides seguiu a tradição de esperar um homem certo que fosse companheiro e com quem dividiria a alegria como pai de seu filho. “Um dia o homem apareceu. Foram felizes no namoro. E mais felizes quando decidiram ficar juntos [...]” (p. 11). Quando souberam da gravidez, assumiram estar grávidos, pacto que se estendeu até que ela passasse a sofrer violências, como do episódio da lâmina de barbear na cama, cortando-a, bem como do abraço do companheiro com um cigarro aceso entre os dedos, queimando seu ventre e plantando na mulher uma dúvida sobre as intenções dele.

Aramides Florença teve um parto rápido e logo o gozo dos primeiros dias de felicidade com a chegada do filho se transformaram em um processo contínuo de violências. [...] Passadas as duas primeiras semanas, uma noite, já deitados, o homem, olhando para o filho no berço, perguntou a Aramides quando ela novamente seria só dele, só dele. [...] Um medo começou a rondar o coração e o corpo de Aramides [..]” (p. 16). A sucessão de episódios demonstrava o ciúme e as violências que não se fantasiavam como ingênuas ou despropositais, pois o olhar do homem carregava ódio e

descontrole”.

> Estava eu amamentando o meu filho [...] quando o pai de Emildes chegou. De chofre, arrancou o menino de meus braços, colocando-o no bercinho sem nenhum cuidado. Só faltou arremessar a criança. Tive a impressão que tinha sido esse o desejo dele. No mesmo instante, eu já estava de pé, agarrando-o pelas costas e gritando desamparadamente. Ninguém por perto para socorrer meu filho e a mim. Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato de amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou. (Evaristo, 2020, p.17).

A construção de uma cena de violência extrema se dá por meio de uma narrativa em primeira pessoa, que intensifica a dimensão testemunhal do relato e insere o(a) leitor(a) na experiência traumática da narradora. A brutalidade da ação masculina é marcada pela sucessão de verbos de violência “arrancou”, “arremessar”, “jogou”, “rasgando”, “violentou”, que produzem ritmo acelerado e opressivo, reproduzindo formalmente a rapidez e a desordem do acontecido, ao mesmo tempo em que evidenciam a completa objetificação do corpo feminino.

O episódio adquire densidade simbólica ao ocorrer durante o ato de amamentação, momento socialmente associado ao cuidado, à maternidade e à proteção, de modo que a agressão sexual profana esse espaço de intimidade materna e converte o corpo da mulher negra, na condição de nutridor em corpo violado, explicitando como a violência patriarcal invade até mesmo os espaços de afeto e vulnerabilidade. A linguagem se materializa em sua dimensão factual, pois ao mencionar o “pai de Emildes”, em vez de nome próprio, despersonaliza o agressor e sugere que ele representa mais que um indivíduo: encarna uma estrutura de poder masculina e autoritária naturalizada nas relações sociais. Ademais, o grito “desamparadamente” e a ausência de socorro reforçam a solidão da mulher negra e a dimensão estrutural de silenciamento que cerca a violência contra mulheres.

A partir do exceto, verifica-se que a violência física e sexual vivenciada pela protagonista representa o ápice de um processo de brutalização que ultrapassa os limites de sua suportabilidade e instaura o trauma como ponto de inflexão de sua trajetória. A cena de violação, ocorrida durante a amamentação, simboliza o início do estupro do corpo feminino e do espaço da maternidade pelo poder patriarcal, de modo que a ruptura de Aramides com o agressor produz tanto um afastamento físico quanto um gesto de

reinscrição subjetiva e de retomada de si, via empoderamento. Nesse sentido, seu empoderamento não se reduz ao rompimento com o companheiro violento, ele se manifesta na reconstrução de si enquanto sujeito capaz de ressignificar a dor e recuperar a posse sobre o próprio corpo e sua existência. Para tanto, retomamos bell hooks em *Mulheres negras: moldando a teoria feminista*, na qual afirma que "Ser oprimida significa ausência de opções." Esse adensamento informa-nos que o rompimento de Aramides com o agressor representa a recuperação de sua capacidade de escolha e autonomia.

Ao iniciar uma nova vida ao lado do filho, fruto da relação abusiva, Aramides reafirma sua potência materna e sua capacidade de resistência, convertendo as marcas do sofrimento em força política e subjetiva. Nesse cotejamento, retoma-se *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, obra em que a autora representa a resistência feminina a partir das vivências cotidianas de mulheres negras que transformam o desamparo em força coletiva e reconstroem suas trajetórias em meio às adversidades. À luz dessa perspectiva, Aramides ressignifica sua existência ao romper com as violências que a subjugavam, ainda que essa ruptura lhe imponha a experiência da solidão. Contudo, ao narrar sua própria história, sua escolha converte-se em gesto de libertação e autoafirmação, pois a enunciação de sua memória rompe com as estruturas de silenciamento e instaura uma forma de liberdade construída fora dos padrões de submissão historicamente impostos às mulheres negras.

Assim, evidencia-se a insubmissão de Aramides, que reorganiza sua vida, seus afetos e sua subjetividade, tornando-se uma mulher progressivamente mais autônoma diante das adversidades que enfrenta. Em outro momento da narrativa de Conceição Evaristo, ressalta-se a centralidade da maternidade em sua trajetória e o modo como essa experiência lhe fornece força e determinação para assumir, de forma solitária, a criação do filho: "Aramides Florença buscava ser o alimento do filho. E, literalmente, era" (Evaristo, 2020, p. 8). A passagem atribui à maternidade um sentido que ultrapassa a dimensão biológica, configurando-a como metáfora de sustento material, afetivo e existencial. Aramides reorganiza sua existência a partir da ruptura com a violência, e sua reconstrução subjetiva manifesta-se no cuidado amoroso com o filho, criado com afeto, dignidade e com o alimento que provém de seu próprio corpo, o leite materno, símbolo de uma maternidade que, longe de representar submissão, converte-se em expressão de força, resistência e autonomia, pois "Para as mulheres negras, a maternidade é um campo de resistência ao status quo, permitindo que elas reafirmem sua identidade e poder, mesmo diante de adversidades.", discute Nicole Gerard em dissertação Intitulada "*SACRA ET*

PROFANA: uma análise da maternidade feminista negra lésbica em Audre Lorde (1979-1992) (2024)".

A ruptura de Aramides com o silenciamento feminino revela a dimensão transformadora de sua decisão de interromper o ciclo de violência para reconstruir a própria vida e garantir a proteção de seu filho, assumindo a maternidade solo como consequência das circunstâncias que a atravessaram. Quando a narrativa afirma que Aramides "buscava ser o alimento do filho", tal enunciado extrapola a dimensão biológica do aleitamento materno e simboliza sua condição de provedora integral, na medida em que ela assume, sozinha, o sustento material, afetivo e existencial da criança. Trata-se de uma representação literária que dialoga com experiências sociais recorrentes na contemporaneidade, especialmente no contexto de mulheres negras submetidas à sobrecarga da maternidade solo.

No âmbito do letramento literário com alunas do Ensino Médio, textos como esse assumem potência formativa significativa, pois promovem identificação, reflexão crítica e empoderamento.

> É através da educação que se empodera – a educação como prática de liberdade, consideramos ser a literatura uma das áreas mais produtivas para essa realização, uma vez que alinhada à escolarização, tem-se a possibilidade de potencializar um coletivo de alunos a serem agentes questionadores e a se libertarem de narrativas oficiais únicas, assim como de ideias cristalizadas sobre o negro e suas dinâmicas históricas, sociais e políticas (hooks, 2013, p.12).

A partir dessa perspectiva, conforme bell hooks afirma ao compreender a educação como prática de liberdade, a literatura, articulada ao espaço escolar, possibilita a formação de sujeitos críticos capazes de questionar narrativas hegemônicas e confrontar ideias cristalizadas sobre raça, gênero e poder. Assim, o texto literário favorece que estudantes problematizem os estereótipos historicamente impostos às mulheres negras, de modo que a leitura literária não se configure como prática passiva ou meramente conteudista, mas como instrumento de formação crítica e emancipatória. Portanto, quando inserido em sala de aula, o conto não apresenta apenas uma narrativa de dor e silenciamento, mas instaura um espaço de questionamento e elaboração coletiva sobre memória, identidade e resistência.

A trajetória de Aramides evidencia que mesmo marcada pela violência, ela

ressignifica sua dor ao tornar-se provisão e fonte de vida para o filho, reafirmando sua insubmissão e autodeterminação. Tal processo pode ser compreendido à luz de Djamila Ribeiro (2017, p. 100): “o empoderamento não deve ser visto apenas como um ganho individual de autoestima, mas sim como uma ferramenta de conscientização política necessária para os grupos subalternizados possam confrontar e modificar as estruturas sociais vigentes”, ou seja, o empoderamento corresponde a um ganho meramente individual de autoestima e como uma ferramenta de conscientização política capaz de permitir aos sujeitos subalternizados confrontarem e transformarem as estruturas sociais vigentes. Assim, ao despertar a consciência crítica por meio da literatura, a educação contribui para substituir a passividade por uma postura ativa e transformadora, em que a dor individual pode converter-se em elaboração crítica e transformação social dentro e para além da sala de aula.

Portanto, a partir dessa constituição, toda a sociedade é beneficiada quando o empoderamento feminino se manifesta, pois sua emergência sinaliza avanços no enfrentamento às estruturas históricas de silenciamento e subalternização impostas às mulheres. Ao despertar a consciência crítica, rompe-se com a lógica da passividade e instaura-se a formação de sujeitos capazes de atuar como agentes transformadores de suas próprias experiências e da realidade social que os cerca. Assim, a dor individual, quando elaborada criticamente, pode converter-se em potência política e em instrumento de transformação social, processo que se inicia no espaço da sala de aula, mas se expande para além dela, reverberando em práticas de resistência, questionamento e emancipação coletiva.

2.2 *Shirley Paixão*

A narrativa de Shirley Paixão é atravessada pela oralidade, pela dor e pela genealogia negro-feminina de proteção. É um conto que desestabiliza a noção de família como proteção e o espaço como seguro, pois a casa, que deveria ser um lugar seguro, é um lugar onde se consuma uma violência contínua. Dessa forma, a literatura atua enquanto veículo de denúncia da realidade e pode ser pensada a partir da narrativa de Shirley Paixão, cuja força e empoderamento feminino se manifesta em uma dolorosa forma de resistência e enfrentamento ao abuso praticado pelo marido com uma de suas filhas. “[...] Quando ele veio para minha casa, trouxe as três meninas. Elas eram ainda pequenas, as minhas duas

regulavam idade com as deles. As cinco meninas tinham idades entre cinco e nove anos. E, logo logo, selaram irmandade entre elas. [...]" (Evaristo, 2020, p. 19).

Uma das especificidades mais potentes do conto é a redefinição da maternidade: "As meninas, filhas dele, se tornaram tão minhas quanto as minhas. Mãe me tornei de todas." (p. 19). A partir desse empoderamento, pois "Falar de empoderamento é falar de sobrevivência, sobretudo para mulheres negras" (Berth, 2019, p. 58), a protagonista cria uma maternidade que ultrapassa o biológico e se ancora no cuidado, na proteção e na solidariedade, pois forma-se uma"confraria de mulheres". Esse coletivo feminino funciona como espaço de resistência frente à violência masculina. A maternidade, nesse contexto, assume um caráter ético-político, pois implica proteger, acolher e romper ciclos de opressão.

> [...] Seni, a mais velha de minhas filhas, a menina que havia chegado a minha casa quando faltavam três meses para completar nove anos, sempre foi a mais arredia. Não por gestos, mas por palavras. Era capaz de ficar longo tempo de mãos dadas com as irmãs, ou comigo, sem dizer nada, em profundo silêncio. Nos primeiros tempos de nosso convívio, era mais caladinha ainda. Respeitei sua pouca fala, imaginei saudades contidas e incompreensão diante da morte da mãe. Ao pai, faltava paciência, vivia implicando com ela. Viase que Seni não era a sua preferida, pelo contrário. Eu percebendo a dificuldade da relação dele com a menina, procurei ampará-la, abrigá-la mais e mais em mim. Imaginava a falta que ela sentia da mãe. E assim ela foi crescendo, alternando períodos de pouca, com nenhuma fala. Em meio às cinco, sobressaia pela timidez. Entretanto, ali pelos seus doze anos, já era uma mocinha feita. Zelosa com ela mesma e, mais ainda, com as irmãs. Eu procurava desviá-la do caminho de uma responsabilidade, que não era dela, ao perceber o excesso de cuidado e os gestos de proteção com que ela cercava as irmãs e, às vezes, se eu permitisse, até a mim. Sempre de pouca conversa, mas de um desmedido amor para quem convivesse com ela. Na escola, tinha também um comportamento exemplar. Suas notas estavam sempre acima da média. [...] (Evaristo, 2020, p. 20).

O silêncio de Seni é lido como sintoma, indicando que ela elabora suas dores de forma não verbal, pois a ausência de fala funciona como mecanismo de defesa, forma de contenção emocional e indício de sofrimento psíquico profundo. Inicialmente, Shirley relaciona esse comportamento à perda da mãe, o que será descartado na sequência narrativa. O comportamento do pai para com a menina causa estranhamento em Shirley, principalmente quando vê que ela não é a preferida: "Quando se dirigia à menina era sempre para desvalorizá-la." A relação entre pai e filha é marcada por e violência simbólica

constante, pois ele exerce uma forma de agressão psicológica constante, que prepara o terreno para a revelação posterior da violência sexual.

Um dia numa visita corriqueira na escola, a professora comentou com a mãe que a filha tinha alguns problemas e que isso devia ser visto com apoio psicológico. Ao relatar isso ao pai, este teve ataque de fúria, mas Shirley não o deixou fazer nada contra a garotinha, mas

> [...] Seni entrou em pânico. Chorava desesperadamente, me agarrava com tamanha força, como se quisesse enfiar o corpo dela dentro do meu. Como se pedisse abrigo no mais profundo de mim. A sensação que eu tive foi como se ela tivesse regredido no tempo. Não era uma mocinha de doze anos que chorava e sim uma menininha desesperada, pedindo socorro. Encarei o homem, que ainda era meu marido. Ele olhava de modo estranho para filha. Temi por ela e por mim. Gritei, com raiva, para que ele saísse da sala e me deixasse com Seni, que era filha dele — não era tanto assim, já que ele não tinha por ela o amor de pai (Evaristo, 2020, p. 21).

A relação entre Shirley e Seni revela uma maternidade baseada no acolhimento e na escuta, mesmo quando o sofrimento da criança fosse incompreendido. Naquela mesma noite o agressor entrou no quarto das meninas e levou Seni para um canto para agredi-la: "[...] avançou sobre Seni, gritando, xingando os maiores impropérios, rasgando suas vestes e expondo à nudez aquele corpo ainda meio menina, violentado diversas vezes por ele, desde quando a mãe dela falecera". (Evaristo, p.22). A insubmissão de Shirley surge nesse momento, quando ela abandona o lugar de passividade conjugal para assumir, de forma contundente, a proteção das filhas, pois O empoderamento está intrinsecamente ligado à capacidade de romper com as opressões naturalizadas, segundo pontua Berth (2018).

Assim, ao enfrentar o agressor, ela demonstra uma maternidade que não se limita ao cuidado, mas que também é capaz de agir para interromper o ciclo de violência instaurado em seu próprio lar. Esse gesto fratura a lógica do silêncio historicamente imposto às mulheres, tornando visível uma ruptura com séculos de opressão e silenciamento a partir de um ato necessário e urgente.

> Naquele instante, a vida para mim perdeu o sentido, ou ganhou mais, nem sei. Eu precisava salvar minha filha que, literalmente, estava sob as garras daquele monstro! Seria matar ou morrer. Morrer eu não poderia, senão ele seria vitorioso e levaria seu intento até ao fim. E a salvação veio. Uma pequena barra de ferro, que funcionava como tranca para a janela, jazia

> em um dos cantos do quarto. Foi só um levantar e abaixar da barra. Quando vi, o animal ruim caiu estatelado no chão (Evaristo, 2020, p. 22).

Diante da violência contra Seni, a mulher é lançada a um limiar em que o sentido da vida se reconfigura a partir da urgência da ação. Não se trata de hesitação, mas de um deslocamento ético no qual a sobrevivência de jovem-criança torna-se inquestionável. Ao assumir uma posição ativa e transformadora, o amor materno converte-se em força de enfrentamento, revelando a potência que habita Shirley. "[...] Foi quando assisti à cena mais dolorosa de minha vida. Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu de uma menina, enquanto outras vozes suplicantes, desesperadas, desamparadas, chamavam por socorro. Pediam ajuda ao pai, sem perceberem que ele era o próprio algoz. [...]" (Evaristo, 2020, p. 22).

A radicalidade da violência se articula desde a linguagem, perpassando pela imagem e se intensificando sob o olhar de Shirley: "a cena mais dolorosa de minha vida" que tensiona o caos, registrando um trauma, enquanto os verbos "agarrar, possuir, violentar" demonstram a lógica progressiva de dominação sobre o corpo feminino, reduzido à condição de objeto, o que é verificado através da imagem do "corpo nu de uma menina", informando ao leitor a vulnerabilidade e a assimetria de poder da cena. Assim, na tentativa de subverter a função simbólica da paternidade e transformando o espaço doméstico em território de violência, o conto é uma crítica às estruturas patriarcais que sustentam o silenciamento e a naturalização do abuso, evidenciando, em consonância com o pensamento de Joice Berth, que tais violências não se restringem ao âmbito individual, mas integram um sistema mais amplo de opressão que atravessa gênero, raça e classe.

No encaminhamento de uma proposta de mediação literária voltada para o ensino médio, retomamos Cosson (2014), que compreende o letramento literário como a capacidade de os sujeitos atribuírem sentido ao mundo e às próprias experiências por meio das narrativas, demonstrando que a reação de Shirley às opressões vividas marca a passagem da passividade à tomada crítica tanto de sua vida quanto a de suas filhas. Shirley se torna protagonista de sua própria libertação e da de suas filhas. Sob essa ótica, a narrativa literária configura-se como espaço de alteridade, uma vez que em contato com o outro por meio dos textos, o sujeito amplia seu repertório existencial e mobiliza suas experiências para organizar o caos da realidade em que está inserido.

É importante salientar que a abordagem do conto deixa de assumir um caráter mecânico para se constituir como um processo de humanização, no qual a palavra e a

experiência literária oferecem caminhos para nomear e compreender os conflitos sociais. Nessa perspectiva, a escola exerce papel fundamental, pois, conforme propõe Rildo Cosson, o letramento literário implica encontro e pressupõe uma pedagogia do situar-se — processo que se efetiva quando os sujeitos reconhecem, nas narrativas, ecos de suas próprias vivências, lutas e histórias. Por outro lado, Antonio Candido (2004) compreende a literatura como uma necessidade vital, ao afirmar que "[...] a literatura é um bem indispensável que atua na organização do eu e do mundo, funcionando como um direito que, se negado no ambiente escolar, resulta em uma mutilação da personalidade do indivíduo". Cabe à escola, em sua função social mais ampla, garantir o acesso a esse direito, contemplando sujeitos em todos os níveis de ensino.

Nesse contexto, a leitura e o contato com diferentes realidades tornam-se centrais, apresentando a urgência de promover experiências compartilhadas e de possibilitar leituras que dialoguem com o universo das alunas, atribuindo sentido às suas próprias histórias, considerando o público do ensino médio. Trata-se, portanto, de criar condições para que possam reinterpretar suas vivências e ressignificar seus contextos sociais. A partir das questões centrais, a dimensão crítica desta seção evidencia o empoderamento de Shirley ao proteger suas filhas, na medida em que passa a reconhecer a realidade que as cerca e a enfrentá-la sem se submeter às violências impostas. Shirley vivencia, assim, um verdadeiro letramento de sobrevivência, no qual a ação, ainda que extrema, configura-se como ponto de ruptura, convertendo um episódio de dor em possibilidade de reexistência e liberdade.

> Hoje, quase trinta anos depois desses dolorosos fatos, continuamos a vida. Das meninas, três já me deram netos, estão felizes. Seni e a mais nova continuam morando comigo. A nossa irmandade, à confraria de mulheres, é agora fortalecida por uma geração de meninas netas que desponta. Seni continua buscando formas de suplantar as dores do passado. Creio que, ao longo do tempo, vem conseguindo. Entretanto, aprofunda, a cada dia, o seu dom de proteger e de cuidar da vida das pessoas. É uma excelente médica. Escolheu o ramo da pediatria (Evaristo, 2020, p. 23).

Shirley conseguiu impedir que sua filha fosse, mais uma vez, estuprada por aquele homem que ocupava o lugar de pai. Embora isso tenha custado sua liberdade total por três anos, ela consegue liberdade condicional e volta à convivência familiar. Assim, se verifica que há um deslocamento temporal que reconfigura a experiência traumática a partir de uma perspectiva de continuidade e ressignificação da vida dessas mulheres negra, produzindo

uma memória que não se fixa apenas na dor, mas na reconstrução dos vínculos afetivos e coletivo. Ao afirmar que “continuamos a vida”, Shirley sinaliza um gesto de resistência que transforma a sobrevivência em projeto coletivo, sobretudo quando destaca a constituição de uma “irmandade” e de uma “confraria de mulheres”. Esses termos não são casuais: evocam uma rede de apoio feminino que se fortalece intergeracionalmente, na medida em que as netas surgem como desdobramento simbólico de um futuro possível, marcado pela ruptura com os ciclos de violência que emanavam daquele homem.

Portanto, a insubmissão de Shirley inscreve-se como uma narrativa de ruptura e reconstrução, em que a violência sofrida não define o destino dessas mulheres, mas é reelaborada como ponto de inflexão para a construção de novas possibilidades de existência. Ao transformar a dor em resistência e a resistência em legado, a protagonista protege suas filhas, viabilizando uma linhagem feminina pautada no cuidado, na solidariedade e na autonomia. Assim, a experiência individual se amplia para um horizonte coletivo, no qual a reexistência se afirma como prática cotidiana e política, garantindo que as gerações seguintes possam viver sob outras condições.

2.3 Proposta de Sequência Didática Básica

A proposta fundamenta-se na perspectiva teórico-metodológica de Rildo Cosson (2012), adotando a metodologia da sequência didática básica. A sequência é direcionada ao trabalho com estudantes do Ensino Médio, com foco na abordagem das relações étnico-raciais e do empoderamento feminino a partir de dois contos da obra Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo (2020), Aramides Florença e Shirley Paixão.

A sequência básica de letramento literário, conforme propõe Rildo Cosson (2012), organiza-se em quatro etapas fundamentais: i) motivação, ii) introdução, iii) leitura e iv) interpretação, as quais orientam a formação do leitor literário de maneira progressiva e significativa. Nesse contexto, em diálogo com a BNCC, sugerimos o trabalho para o desenvolvimento das habilidades e competências mobilizadoras.

Tabela 1: Objetivos, habilidades e competências da proposta didática

Categoria	Descrição
Objetivo geral	Promover o letramento literário dos estudantes do Ensino Médio, por meio da leitura e interpretação da obra Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo, possibilitando o desenvolvimento de uma consciência crítica acerca das questões de empoderamento feminino, identidade e resistência.
Objetivos específicos	Estimular a reflexão crítica sobre o conceito de empoderamento feminino; compreender a literatura como espaço de representação de experiências, memórias e resistências de mulheres negras; relacionar texto e contexto sociocultural; analisar aspectos discursivos, temáticos e estéticos; produzir textos argumentativos; incentivar o protagonismo discente.
Habilidades (BNCC – Linguagens)	EM13LP01 – Analisar e comparar diferentes discursos, considerando seus contextos de produção, circulação e recepção; EM13LP02 – Estabelecer relações entre textos e seus contextos de produção, reconhecendo efeitos de sentido; EM13LP05 – Analisar, em textos, efeitos de sentido decorrentes de escolhas linguísticas, discursivas e estilísticas; EM13LP08 – Selecionar, interpretar e relacionar informações para construção de sentidos globais do texto; EM13LP10 – Participar de práticas de leitura literária, ampliando repertório cultural e senso estético; EM13LP12 – Produzir textos argumentativos, considerando contexto, finalidade e interlocutores; EM13LP15 – Analisar obras da literatura brasileira e suas relações com questões sociais, históricas e culturais; EM13LP20 – Compartilhar interpretações, respeitando a diversidade de perspectivas e promovendo o diálogo.
Competências gerais (BNCC)	Competência 1: Valorizar e utilizar conhecimentos historicamente construídos; Competência 3: Valorizar e fruir manifestações artísticas e culturais; Competência 7: Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis; Competência 9: Exercitar a empatia, o diálogo e o respeito às diferenças; Competência 10: Agir com autonomia, responsabilidade e pensamento crítico.

Fonte: Elaborado pelos autores, com base na BNCC (Brasil, 2018).

A partir dos objetivos, habilidades e competências, propomos a organização a seguir:

2.3.1. Motivação

A motivação constitui o momento inicial da sequência, tendo como objetivo preparar o aluno para o encontro com o texto literário, sem silenciar suas experiências e saberes prévios. Trata-se de criar uma situação significativa em que os estudantes sejam instigados a refletir, posicionar-se ou responder a uma problemática relacionada à temática da obra. Nesse sentido, propõe-se a realização de uma roda de conversa orientada pela seguinte questão norteadora: "O que significa ser uma mulher forte e empoderada na sociedade contemporânea?".

Essa etapa funciona como diagnóstico inicial, permitindo identificar as percepções da turma e estabelecer vínculos entre suas vivências e o tema a ser trabalhado, despertando o interesse e engajamento dos estudantes.

2.3.2 Introdução

Esta etapa corresponde ao momento de apresentação da autora e da obra, de forma breve e contextualizada, destacando informações relevantes que dialoguem com o texto a ser lido. O professor/mediador pode explorar elementos para-textuais da obra (capa, título, prefácio), de modo a contextualizar a leitura e preparar os alunos para a experiência de fruição literária, evidenciando temas como resistência, memória e empoderamento feminino.

2.3.3 Leitura

Na etapa da leitura se constitui o núcleo central da sequência didática, sendo o momento de contato direto entre o leitor e o texto literário. Esse momento deve ser acompanhado pelo professor/mediador, para que caso surjam dúvidas ou dificuldades, ele possa auxiliar possibilitando a progressão. Sugere-se a leitura dos contos Aramides Florença e Shirley Paixão, inicialmente de forma individual e, posteriormente, compartilhada, destacando suas características e as relações que estabelecem. Serão propostos intervalos

de leitura, com momentos de discussão, reflexão e atividades que favoreçam a construção de sentidos e a intertextualidade. Considera-se para esse momento a perspectiva de Ingedore Koch e Vanda Elias (2008), ao compreender a leitura como uma atividade interativa, que mobiliza conhecimentos prévios e experiências do leitor.

2.3.4 Interpretação

A interpretação corresponde ao momento de construção e socialização de sentidos, articulando texto, leitor e contexto social. Segundo Cosson (2012), esse processo envolve tanto uma dimensão interna — relacionada às experiências individuais do leitor — quanto uma dimensão externa, que se materializa no compartilhamento das interpretações. Após a leitura, sugere-se uma discussão coletiva, seguida da produção de uma resenha crítica pelos estudantes. Essa atividade possibilita a externalização da leitura e a elaboração de posicionamentos críticos acerca dos contos trabalhados. Além disso, abre-se espaço para a ampliação da temática por meio de pesquisas e conexões com outros textos e autores, fortalecendo a consciência crítica dos alunos. Nessa perspectiva, a interpretação ultrapassa a simples decodificação, configurando-se como um processo ativo de construção de sentidos, no qual o leitor mobiliza seus conhecimentos e interage com o texto de maneira crítica e reflexiva. Por último, sugere-se que o professor/mediador, indique outros contos da coletânea a partir das possíveis aproximações.

Considerações Finais

As análises empreendidas ao longo deste trabalho evidenciam a profundidade e a potência das vozes femininas construídas por Conceição Evaristo em *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Ao examinar as trajetórias de personagens como Aramides Florença e Shirley Paixão, verifica-se que a "escrevivência", conceito desenvolvido pela autora, configura-se como um eixo estruturante que transforma a dor em ação e o silenciamento em resistência. Nesse horizonte, Aramides personifica o rompimento com ciclos de violência, enquanto a trajetória de Shirley ressalta a centralidade da memória e da coletividade como pilares fundamentais na reconstrução identitária dessas mulheres.

A pesquisa demonstra, ainda, que as lágrimas evocadas no título da obra não traduzem passividade, mas assinalam o ponto de partida de uma insubmissão que

ressignifica o lugar da mulher negra na literatura brasileira contemporânea. Assim, os objetivos propostos foram alcançados ao evidenciar que a narrativa de Evaristo ultrapassa a mera representação do sofrimento; ao contrário, revela um projeto literário que mobiliza a subjetividade negra como instrumento de denúncia e de elaboração de processos de cura. Ao dar voz a personagens como Aramides e Shirley, a autora desloca o leitor de uma posição passiva para uma postura crítica diante das estruturas de opressão, bem como das estratégias de sobrevivência que atravessam a diáspora africana no Brasil, especialmente a partir das experiências de mulheres negras.

Nesse sentido, a leitura dessas narrativas configura-se como um exercício de reflexão crítica da realidade, ao romper com silenciamentos historicamente instituídos e abrir espaço para a construção de novas possibilidades de existência. O empoderamento feminino manifesta-se, assim, na ruptura com contextos opressivos, protagonizada por mulheres negras que, como Aramides e Shirley, assumem a proteção de seus filhos mesmo diante de situações de vulnerabilidade, seja pela prisão, no caso de Shirley, seja pela solidão, como vivenciado por Aramides.

No contexto escolar, especialmente sob a perspectiva do letramento literário voltado ao ensino médio e em particular, às alunas, com base na proposta de sequência didática sugerida, esses contos constituem-se como ferramentas fundamentais para problematizar as estruturas sociais e as relações que nelas se tensionam. A escola, enquanto espaço de formação social e intelectual, desempenha papel decisivo na promoção da autonomia, na valorização da identidade feminina e no desenvolvimento do pensamento crítico. Assim a sequência didática, fundamentada em Rildo Cosson (2012), possibilitou o desenvolvimento da leitura literária de forma significativa, promovendo a participação ativa dos alunos na construção de sentidos.

Nesse contexto, a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo, contribuiu para ampliar as reflexões sobre o empoderamento feminino e as desigualdades sociais, aproximando a literatura da realidade vivenciada pelos estudantes. Conclui-se, portanto, que a proposta favorece a formação de leitores críticos, ao tornar a leitura mais significativa, contextualizada e relacionada às questões sociais contemporâneas. Nessa perspectiva, fomentar discussões acerca da igualdade de gênero, da representatividade e do protagonismo feminino possibilita às estudantes reconhecerem suas potencialidades e desenvolverem maior segurança para se posicionar diante de desafios sociais e culturais ainda atravessados por desigualdades. Além disso, a valorização de autorias e experiências

negro-femininas amplia repertórios culturais, fortalece processos de construção identitária e contribui para a consolidação de práticas educativas comprometidas com a equidade, a valorização da diversidade e a transformação social.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen; Sueli Carneiro, 2019.

BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília, DF: MEC;

CONSED; UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomumcurricular.mec.gov.br/BNCC_publicação.pdf. Acesso em: 5 abr. 2026.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 5 abr. 2026.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos na luta por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

RIBEIRO, Djamila. *O que é o lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. *Letramento e escolarização*. São Paulo: Contexto, 2009.